



## LISTA DE EXERCÍCIOS DE RECUPERAÇÃO – 1º TRIMESTRE

### GRAMÁTICA

ALUNO(a): \_\_\_\_\_  
Nº: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ 1ª SÉRIE  
UNIDADE: VV  JC  JP  PC  DATA: \_\_\_/\_\_\_/2019

Valor:  
5,0

**OBS.:** Esta lista deve ser entregue resolvida no dia da prova de Recuperação.

Leia o texto abaixo:

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversar com calma.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado).

1. Na representação escrita da conversa telefônica entre a gerente do banco e o cliente, observa-se que a maneira de falar da gerente foi alterada de repente. Indique o que motivou essa mudança, destacando em seguida a variante linguística que a motivou.

### Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar de “haver”, como em “hoje tem feijoada”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

2. O professor e pesquisador Marcos Bagno é conhecido dentro e fora do país pela sua militância contra aquilo que ele e outros autores denominam como “preconceito linguístico”. Na passagem:
- a) o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais, apesar de utilizar a norma padrão em toda a extensão do texto. Explique esse fato, destacando a variante linguística que se manifesta na entrevista.

- b) É correto afirmar que, para Bagno, o ensino de língua no Brasil leva em consideração a dinamicidade do código, tendo em vista todas as suas formas de expressão? Destaque do texto uma passagem que comprove sua resposta.

Faça a leitura do texto a seguir para responder à questão que segue:

### Antigamente

*Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito.*

*Os janotas, mesmo sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio.*

Carlos Drummond de Andrade

3. Ao travarmos contato com o fragmento exposto, percebemos que nele existem certas expressões que já se encontram em desuso. Nomeie, segundo o estudo da Sociolinguística, estes termos que deixaram de ser utilizados por falantes de gerações mais atuais e explicita qual fator influencia nessa mudança lexical justificando a sua resposta.

Texto para questão seguinte:

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos Verbais, ou os escuta de Outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

PESSOA, F. O livro do desassossego São Paulo Brasiliense, 1986

4. A linguagem cumpre diferentes funções no processo de comunicação, de modo que em um mesmo texto podem ser observadas diferentes marcas linguísticas em um mesmo texto. No trecho, há duas funções de linguagem interagindo.

a) Aponte no texto as marcas linguísticas que caracterizam a função emotiva.

b) Aponte no texto as marcas linguísticas que caracterizam a função metalinguística.

5. Indique a função da linguagem que predomina nas alternativas abaixo, destacando suas características dentro dos textos.

a)



b) “Eu sou o samba

A voz do morro sou eu mesmo sim Senhor  
Quero mostrar ao mundo que tenho valor  
Eu sou o rei dos terreiros

Eu sou o samba  
Sou natural aqui do Rio de Janeiro  
Sou eu quem leva a alegria para milhões  
De corações brasileiros  
(...)”

c) “Olá, como vai  
Eu vou indo e você, tudo bem?  
Tudo bem, eu vou indo, correndo  
Pegar meu lugar no futuro, e você?  
Tudo bem, eu vou indo em busca  
De um sono tranquilo, quem sabe?  
Quanto tempo...  
Pois é, quanto tempo...  
(...)”

d) Oli Sykes tem pinta de ruim e tatuagem na cara. Mas no fundo daquela garganta feroz também bate um coração: o rapaz foi uma simpatia e interagiu o tempo inteiro. Casado com uma brasileira, deve ter pegado umas dicas.  
Ele, que recentemente teve de cancelar shows nos Estados Unidos depois de arrebentar as cordas vocais, mostrou que está bem recuperado já na primeira do Lolla: a quebradeira "MANTRA", que anda abrindo a turnê.

Texto para as próximas duas questões:

### Os dicionários de meu pai

Pouco antes de morrer, meu pai me chamou ao escritório e me entregou um livro de capa preta que eu nunca havia visto. Era o dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Ficava quase escondido, perto dos cinco grandes volumes do dicionário Caldas Aulete, entre outros livros de consulta que papai mantinha ao alcance da mão numa estante giratória. Isso pode te servir, foi mais ou menos o que ele então me disse, no seu falar meio grunhido. E por um bom tempo aquele livro me ajudou no acabamento de romances e letras de canções, sem falar das horas que eu o folheava à toa. Palavra puxa palavra e escarafunchar o dicionário analógico foi virando para mim um passatempo (desenfado, esparecimento, entretém, solaz, recreio, filistria). O resultado é que o livro, herdado já em estado precário, começou a se esfarelar nos meus dedos. Encostei-o na estante das relíquias ao descobrir, num sebo atrás da Sala Cecília Meireles, o mesmo dicionário em encadernação de percalina. Com esse livro escrevi novas canções e romances, decifrei enigmas, fechei muitas palavras cruzadas. E ao vê-lo dar sinais de fadiga, saí de sebo em sebo pelo Rio de Janeiro para me garantir um dicionário analógico de reserva. Encontrei dois, mas não me dei por satisfeito, fiquei viciado no negócio. Dei de vasculhar livrarias país afora, só em São Paulo adquiri meia dúzia de exemplares, e ainda rematei o último à venda na Amazon.com antes que algum aventureiro o fizesse. Eu já imaginava deter o monopólio (açambarcamento, exclusividade, hegemonia, senhorio, império) de dicionários analógicos da língua portuguesa, não fosse pelo senhor João Ubaldo Ribeiro, que ao que me consta também tem um, quiçá carcomido pelas traças (brocas, carunchos, busanos, cupins, térmitas, cáries, lagartas-rosadas, gafanhotos, bichos-carpinteiros).

Hoje sou surpreendido pelo anúncio dessa nova edição do dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Sinto como se invadissem minha propriedade, revirassem meus baús, espalhassem aos ventos meu tesouro. Trata-se para mim de uma terrível (funesta, nefasta, macabra, atroz, abominável, dilacerante, miseranda) notícia.

(Adaptado de Francisco Buarque de Hollanda, em Francisco F. dos S. Azevedo, *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/thesaurus*. 2ª edição atualizada e revista, Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.)

6. A partir do texto de Chico Buarque que introduz o dicionário analógico recentemente reeditado, proponha uma definição para esse tipo de dicionário.

7. Mostre a partir de que pistas do texto sua definição foi elaborada.

"Todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação."

Celso Cunha. Nova gramática do português contemporâneo. Adaptado.

8. A partir da leitura do texto, podemos inferir que uma língua é:
- conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
  - sistema que não admite nenhum tipo de variação linguística, sob pena de empobrecimento do léxico.
  - a modalidade oral alcança maior prestígio social, pois é o resultado das adaptações linguísticas produzidas pelos falantes.
  - A língua padrão deve ser preservada na modalidade oral e escrita, pois toda modificação é prejudicial a um sistema linguístico.
  - instrumento de comunicação historicamente situado, utilizado também como aparato de dominação e discriminação sociocultural, norteado por um padrão correto, de uso exclusivamente acadêmico e religioso.

Leia o texto e em seguida faça o que se pede:

**Mandinga** — Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideraram bruxos os africanos que ali habitavam — é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, *manding* designava terra de feiticeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.  
(COTRIM, M. O pulo do gato 3. São Paulo: Geração Editorial, 2009. Fragmento)

9. No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra *mandinga* resulta de um (a)
- contexto sócio-histórico.
  - diversidade técnica.
  - descoberta geográfica.
  - apropriação religiosa.
  - contraste cultural.

Leia o texto que segue:

Contudo, a divergência está no fato de existirem pessoas que possuem um grau de escolaridade mais elevado e com um poder aquisitivo maior que consideram um determinado modo de falar como o “correto”, não levando em consideração essas variações que ocorrem na língua. Porém, o senso linguístico diz que não há variação superior à outra, e isso acontece pelo “fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica automaticamente que esse português seja um bloco compacto coeso e homogêneo”.  
(BAGNO, 1999, p. 18)

10. Sobre o fragmento do texto de Marcos Bagno, podemos inferir, exceto:
- A língua deve ser preservada e utilizada como um instrumento de opressão. Quem estudou mais define os padrões linguísticos, analisando assim o que é correto e o que deve ser evitado na língua.
  - As variações linguísticas são próprias da língua e estão alicerçadas nas diversas intenções comunicacionais.
  - A variedade linguística é um importante elemento de inclusão, além de instrumento de afirmação da identidade de alguns grupos sociais.
  - O aprendizado da língua portuguesa não deve estar restrito ao ensino das regras.
  - Segundo Bagno, não podemos afirmar que exista um tipo de variante que possa ser considerada superior à outra, já que todas possuem funções dentro de um determinado grupo social.